

APONTAMENTOS DA HISTORIOGRAFIA DO SÉCULO XX: DOS ANNALES À MICRO-ANÁLISE

Notes of Historiography of the Twentieth Century : From Annales one micro- analysis

Julio César dos Santos

Doutorando do PPGHis/UFMT

E-mail: p_juliocesar@hotmail.com

Resumo

Ao longo do século XX a tarefa dos historiadores tornou-se cada vez mais complexa, resultado do contexto e das incertezas dos caminhos e descaminhos assumidos pela humanidade que resultam em grande influência no comportamento das ciências sociais em geral. Desde a primeira geração dos Annales, empreendida por March Bloch e Lucien Febvre, os historiadores têm inventado e reinventado as formas e métodos de abordagem do passado. Debates sobre o tempo, a verdade, as fontes, entre outros, estiveram em grande evidência, em todas as gerações dos Annales e até fora dos domínios dos franceses. Portanto, colocamos em destaque a multiplicidade da história cultural e inovação do foco conferido a abordagem da microanálise, através de alguns breves apontamentos sobre a historiografia no século XX.

Palavras Chave: Narrativa – Historiografia – Desafios

Abstract

During the twentieth century the historians task has become increasingly complex, it was result of the context and uncertainties of the paths and misdirection made for humanity that result in great influence in behavior social sciences in general. Since the first Annales generation, it was undertaken by March Bloch and Lucien Febvre, historians have invented and reinvented forms and methods of past approaches. Discussion about time, the truth, the sources, among others, they were in great evidence, in every Annales generation and even outside of the French domains. So, we put in highlighted the multiplicity of cultural history and innovation of the focus given the microanalyses approach, through some brief notes about the historiography on the twentieth century.

Keywords: Narrative - Historiography – Challenges

Revista Outras Fronteiras, Cuiabá, vol. 2, n. 1, jan/ago., 2015 ISSN: 2318-5503

A construção da narrativa histórica representa um desafio que exige a discussão teórica direcionando a articulação textual. Tal perspectiva se torna ainda mais evidente quando observamos os labirintos percorridos pela historiografia nas últimas décadas. Posicionar a narrativa diante do emaranhado de caminhos que o debate historiográfico tem apresentado torna-se um exercício importante a ser percorrido, por qualquer profissional que se lance à aventura de apresentar uma versão do passado.

Compreender o universo de sonhos e realidades que se constitui em determinada época, seja ela presente ou passado, exige do profissional a opção e definição de alguns pressupostos metodológicos e conceituais, sob o risco de vagar de forma desordenada pelas incertezas e o descrédito da vulgarização. Nesta perspectiva, as páginas a seguir pretendem cumprir a missão de promover uma breve análise da historiografia do século XX, colocando em destaque a complexidade que a escrita da história representa atualmente, diante dos caminhos e descaminhos, com foco na história cultural e na micro-análise.

Muito distante da pretensão de produzir um texto que aborde a discussão de forma absoluta, ciente de que as posições divergentes e convergentes no seio das ciências sociais vão muito além das posições aqui apresentadas.

O texto realiza uma abordagem bibliográfica de algumas vertentes historiográficas, trazendo à tona algumas incertezas, aflições e caminhos seguidos nas últimas décadas pela história e suas vizinhas.

Iniciaremos com uma breve discussão trazendo as orientações e contextualização de José de D' Assunção Barros em *Campo da História* (2010)¹, passar por Dominique Julia e Jean Boutier *Em Passados Recompuestos* (1998)² e Michel Certeau em *Operação Historiográfica* (2002)³, como recursos de contextualização do momento historiográfico das últimas décadas, e o ofício do historiador.

Nobert Elias, em *A Sociedade de Corte* (2001)⁴, e Fernand Braudel no texto

¹BARROS, José D' Assunção. *O Campo da História; Especificidades e Abordagens*. Petrópolis: Vozes, 7ª ed., 2010.

² JULIA, Dominique e BOUTIER. Jean. *Passados Recompuestos: Campos e Canteiros da História*. Rio de Janeiro: UFRJ/ FGV, 1998.

³ CERTEAU, Michel. *Operação Historiográfica*, In: *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2002.

⁴ ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

História e Ciências Sociais, A Longa Duração (2005)⁵, são utilizados com objetivo de apresentar novas propostas de abordagem do tempo na pesquisa histórica. Jacques Revel, em *Jogos de Escalas* (1998)⁶, foi importante para complementar a discussão referente à micro-história, referenciada por Carlo Ginzburg, em *A Micro-História* (1991)⁷.

Na mesma medida, Peter Burke em *O que é história cultural?* (2005)⁸ contribui com a breve discussão referente à história cultural, enquanto, Marc Bloch e Lucien Febvre por meio das discussões realizadas por Georges Duby em *A História Continua* (1993)⁹ ao abordar obras celebres como *Les Rois Thaumaturges* e *La Société Féodale* (1993), Fernand Braudel com *História e Ciências Sociais, a Longa Duração* (2005)¹⁰ e Jacques Le Goff com a obra *Reflexões sobre a História* (1986)¹¹ são referências para a história das mentalidades.

Outros autores são importantes pra enriquecer a discussão historiográfica, são eles: Paul Veyne, Giovanni Levi e Carlo Ginzburg.

Trata-se de uma breve discussão dos caminhos percorridos pela historiografia das últimas décadas, em especial no que diz respeito às diversas possibilidades de abordagens, domínios e dimensões historiográficas com a finalidade de subsidiarmos as opções da pesquisa e da construção narrativa. Tarefa considerada fundamental, segundo Barros:

Definir o ambiente intradisciplinar em que florescerá a pesquisa ou no qual se consolidará uma atuação historiográfica deve ser encarado como um esforço de autoconhecimento, de definir os pontos de partida mais significativos, e não como uma profissão de fé no isolamento intradisciplinar.¹²

A necessidade de definir o ambiente ao qual o autor se refere é consequência da hiperespecialização do saber, o que não é exclusividade da história, ocorrendo simultaneamente nas demais ciências, talvez fruto da fragmentação das perspectivas da

⁵ BRAUDEL, Fernand. *História e ciências sociais, a longa duração*. In: *Escritos Sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

⁶ REVEL, Jacques. *Jogos de Escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

⁷ GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Coleção memória e sociedade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, S.A. 1991.

⁸ BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

⁹ DUBY, G. *A história continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, UFRJ, 1993.

¹⁰ BRAUDEL, Fernand. *História e ciências sociais, a longa duração*. In: *Escritos Sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

¹¹ LE GOFF, Jacques. *Reflexões sobre a História*. Lisboa: Edições 70, 1986.

¹² BARROS, José D'Assunção. *O Campo da História; Especificidades e Abordagens*. Petrópolis: Vozes, 7ª ed., 2010, p. 17.

modernidade e da pós-modernidade.

São muitas referências e denominações relacionadas à produção histórica, hoje se fala em história cultural, história das mentalidades, história política, história social dentre muitas outras denominações, como define Barros (2010), “A historiografia vista como um vasto universo de informações percorrido por inúmeras redes, onde cada profissional encontra sua conexão exata e particular”.¹³

É preciso também levar em consideração que mesmo quando a narrativa é situada em um campo específico, uma produção de qualidade, pressupõe o diálogo que se estabelece entre os diversos campos, dimensões e abordagens da história.

Nas últimas décadas os historiadores se sentiram autorizados pelas novas tendências historiográficas a dedicar-se, cada vez mais, às especificidades de seu campo, para utilizar um termo de Barros “cuidar de seu pequeno canteiro, como se nada mais importasse além de uma rosa rara”¹⁴. No entanto, não podemos desconsiderar a inter-relação que existe entre os diversos campos da existência humana em sociedade. Para mais uma vez exemplificarmos com Barros.

Uma abordagem ou uma prática historiográfica não pode ser rigorosamente enquadrada dentro de um único campo [...] não existem fatos que sejam exclusivamente políticos, culturais ou econômicos e assim por diante. Todas as dimensões da realidade social interagem, ou rigorosamente sequer existem como dimensões separadas.¹⁵

A escrita da história tem se constituído em objeto de calorosas discussões, em maior ou menor instância. São esses debates que têm norteado os rumos do ofício dos historiadores. Jean Boutier e Dominique Julia, em *Passados Recompuestos – em que pensam os historiadores* (1998)¹⁶ elaboram discussões que contribuem de forma significativa para contextualizar os caminhos dos últimos tempos, em especial para o entendimento do contexto historiográfico após a década de 1960. Uma reflexão acerca dos novos objetos, novos territórios e o aprofundamento dos métodos.

¹³ BARROS, José D’Assunção. *O Campo da História; Especificidades e Abordagens*. Petrópolis: Vozes, 7ª ed., 2010, p. 19.

¹⁴ BARROS, José D’Assunção. *O Campo da História; Especificidades e Abordagens*. Petrópolis: Vozes, 7ª ed., 2010, p. 15.

¹⁵ BARROS, José D’Assunção. *O Campo da História; Especificidades e Abordagens*. Petrópolis: Vozes, 7ª ed., 2010, p. 17.

¹⁶ JULIA, Dominique e BOUTIER, Jean. *Passados Recompuestos: Campos e Canteiros da História*. Rio de Janeiro: UFRJ/ FGV, 1998.

No século XX, de forma mais evidente a partir da década de 1960, houve uma retomada acerca da reflexão da profissão do historiador e da construção da narrativa, diversos questionamentos e incertezas.

Com a conquista de novos objetos e de novos territórios, a acumulação de trabalhos eruditos, o aprofundamento dos métodos o avanço da informática, a prática do historiador foi grandemente renovada. A aceleração das mudanças nos últimos anos chegou a levar historiadores a falar, na França e fora dela, de incertezas, de dúvidas e de crises.¹⁷

Segundo os referidos autores, o processo foi resultado de alguns fatores importantes que estão inter-relacionados. O primeiro está no ensino secundário, que se tornou acessível às massas, obrigando os historiadores a lutar para manter a história nos currículos, diante do fato de as ciências exatas, serem consideradas mais úteis, valendo lembrar que Fernand Braudel e Jaques Le Goff foram fundamentais neste processo.

Depois aparece a separação entre a história acadêmica e história “vulgar”, praticada por amadores. O resultado dessa separação foi uma nova forma de construção narrativa, que se posiciona entre o jornalismo histórico e as teses acadêmicas de difícil acesso à maioria das pessoas. Surgiu uma nova relação entre pesquisa e mercado.

Finalmente, a que no momento mais nos interessa, a redefinição dos métodos da história, novos objetos e novas problemáticas. A macro-história, neste contexto começou a ceder espaço para novas abordagens, a visão de uma história subjetiva ao invés de uma história objetiva, novas fontes, não apenas de escrita ou imagens, mas também, tudo que de uma forma ou de outra, pode ajudar na difícil missão de reconstrução do passado, que Giovanni Levi caracteriza como tarefa “infinita”¹⁸.

Importante lembrar ainda, que Julia e Boutier consideram que o grande desafio da história é o de não se deixar generalizar, uma vez que a história é patrimônio comum e qualquer um poderia se considerar no direito de se aventurar no ofício. A solução seria o apego aos métodos que tornaria a construção narrativa histórica mais criteriosa e restrita ao grupo dos historiadores.

Nestas perspectivas, diversos historiadores, em especial franceses e italianos, vêm tentando construir novas formas de abordagens histórica, no que se refere a métodos,

¹⁷ JULIA, Dominique e BOUTIER. Jean. *Passados Recompostos: Campos e Canteiros da História*. Rio de Janeiro: UFRJ/ FGV, 1998. p. 22.

¹⁸ Revista História da Biblioteca Nacional. *Entrevista com Giovanni Levi*. ano 04, nº 41 – Fevereiro de 2009.

objetos, fontes etc.

Nas primeiras décadas do século XX, a história apresentava seus desafios diante das ciências sociais, em especial, com as proposições da sociologia de Durkheim. É a história das mentalidades com Marc Bloch e Lucien Febvre, que primeiro se aventura pelos labirintos de construção de novos métodos e objetos da construção narrativa histórica.

Marc Bloch e Lucien Febvre foram os precursores da história das mentalidades. Considerados pioneiros da escola dos *Annales*, inovaram ao considerar aspectos antes, inimagináveis aos historiadores. Esses historiadores passaram a considerar o universo mental das pessoas e das sociedades.

Marc Bloch, de *Les Rois thaumaturges* a *La Société féodale*, convidava-nos a considerar a ‘atmosfera mental’. De maneira mais insistente, Febvre exortava-nos a escrever a história das ‘sensibilidades’, dos odores, dos temores, dos sistemas de valores, e seu *Rabelais* demonstrava magnificamente que cada época tem sua própria visão de mundo, que as maneiras de sentir e pensar variam com o tempo e que, em consequência, o historiador é solicitado a se precaver o quanto puder das suas, sob pena de nada compreender. Febvre propunha-nos um novo objeto de estudo, das ‘mentalidades’. Era o termo que utilizava. Pois nós o retomamos.¹⁹

O mesmo autor ainda lembra a da definição de Gaston Bouthoul.

Eis a definição oferecida por Gaston Bouthoul em 1952: ‘Por trás de todas as diferenças e nuances individuais subsiste uma espécie de resíduo psicológico estável, feito de julgamentos, conceitos e crenças aos quais aderem, no fundo, todos os indivíduos de uma mesma sociedade.’²⁰

Bloch e Febvre são essenciais para a trajetória historiográfica no século XX, pois através das mentalidades, redirecionam os paradigmas da história, dando a resposta que o momento exigia diante do contexto acadêmico e científico de sua época.

Para ambos a história deveria abandonar a ilusão de ser uma restituição do passado, operada a partir de uma coleção de acontecimentos revelada por fontes documentais, para se transformar num repensar no tempo de problemas colocados pelo

¹⁹ DUBY, G. *A história continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, UFRJ, 1993. pp. 87-88.

²⁰ DUBY, G. *A história continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, UFRJ, 1993. P. 90

presente. [...] Se a sociologia pretendia ser uma síntese geral dos conhecimentos sobre a sociedade no momento actual, a história deveria procurar cumprir o mesmo programa em face ao passado.²¹

Nas décadas seguintes ao pioneirismo de Bloch e Febvre, Fernand Braudel contribuiu enormemente para a história das mentalidades:

A obra de Braudel, tão influente em todos os domínios da historiografia, contribuirá decisivamente para a caracterização das mentalidades como fenómeno de longa duração. Esta associação encontrava-se já presente nas primeiras obras – A crença no Poder taumatúrgico dos reis, estudada por Bloch, dura cerca de um milénio, mas é reforçada no modelo de história definido por Braudel, em que a estrutura é identificada com a permanência temporal e a esfera das mentalidades é conotada com a imobilidade, em contraste com os aspectos mais dinâmicos dos fatores económicos e sociais.²²

Dominique Julia e Jean Boutier também consideram a exemplo de Norbert Elias, a importância da contribuição de Fernand Braudel para o ofício da construção narrativa em História e Ciências Sociais a longa duração, na qual o autor defende que a melhor forma de se relacionar como tempo histórico, e consequentemente com o objeto e as fontes, é a longa duração. Fernand Braudel defende a construção de uma história social em contraposição a narrativa histórica de indivíduos.

Um tratamento histórico com base nas estruturas seculares, pois estas, segundo Braudel delineiam o modo de vida e a organização que ao longo dos séculos, caracterizam nosso modo de vida, ações, enfim os fatos históricos relevantes. Segundo Braudel²³, a construção da narrativa histórica a partir da análise do tempo curto é enganosa, pois permite apenas uma análise superficial.

Discutindo os desafios enfrentados pela história em seu tempo, o autor acredita que ela está relacionada ao processo da duração da análise social, tempos múltiplos, métodos e memória. Em uma tentativa de dar posição de destaque à história, sugere que a história pode contribuir com as outras disciplinas realizando apontamentos para o tempo da longa duração, pela análise das estruturas, devendo, portanto, este aspecto interessar

²¹ SOBRAL. José Manuel. Mentalidade, acção, racionalidade uma leitura crítica da *história das mentalidades*. *Análise Social*, vol. XXIII (95), 1987-1.º, p. 40.

²² SOBRAL. José Manuel. Mentalidade, acção, racionalidade uma leitura crítica da *história das mentalidades*. *Análise Social*, vol. XXIII (95), 1987-1.º, 37-57, p. 48

²³ BRAUDEL, Fernand. *História e ciências sociais, a longa duração*. In: *Escritos Sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 2005. p.44

às demais disciplinas.

[...] à primeira apreensão, o passado é essa massa de fatos miúdos, uns brilhantes, outros obscuros e indefinidamente repetidos, esses mesmos fatos que constituem, na atualidade, o despojo cotidiano da micro-história [...]. Mas essa massa não forma toda a realidade, toda a espessura da história, sobre a qual a reflexão científica pode trabalhar a vontade. A ciência social tem quase horror do evento. Não sem razão: o tempo curto é a mais caprichosa, a mais enganadora das durações.²⁴

Importante percebermos, em especial pelo fato de mais adiante discutirmos a micro-história, que a proposta da longa duração, inviabiliza de certa forma metodológica o ofício do micro historiador, por essa razão, Braudel critica essa perspectiva de abordagem histórica. Para o autor existe a necessidade da retomada de um caminho mais particular e pessoal da história e compartilhar os avanços com as demais ciências.

A história das mentalidades passou, a partir da década de 1970, com especial contribuição de Jacques Le Goff, a representar uma das referências para esses novos meios do “fazer história”. A animação com as mentalidades foi tanta que os historiadores da terceira geração dos *Annales* passaram a denominá-la de Nova História. Tudo que estava ligado ao mundo das mentalidades e que, de alguma forma, pudesse dar direcionamento dos modos e ação humana, passou a ser objeto de estudos para esses historiadores: a morte, o medo, os rituais, a festa, comportamentos, etc. “[...] a mentalidade é ela própria constitutiva de um sistema histórico e que dentro deste sistema ela é um elemento que pesa muito em relação à problemática do acontecimento.”²⁵

Mas é preciso evidenciar que o autor também alerta para o perigo de isolar a mentalidade das estruturas históricas. Segundo ele, a mentalidade é construtiva de um sistema histórico e que dentro deste sistema, ela é um elemento que dá relevância aos acontecimentos.²⁶

Para Roger Chartier²⁷ as mentalidades representavam a constituição de novos territórios a partir da anexação dos territórios dos outros, a partir da anexação de novas possibilidades. Fica explicitada a aproximação da história com a psicologia e a

²⁴ BRAUDEL, Fernand. *História e ciências sociais, a longa duração*. In: *Escritos Sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 46

²⁵ LE GOFF, Jacques. *Reflexões sobre a História*. Lisboa: Edições 70, 1986.

²⁶ LE GOFF, Jacques. *Reflexões sobre a História*. Lisboa: Edições 70, 1986.

²⁷ CHARTIER, Roger. *A História Cultural – entre práticas e representações*. Lisboa: Difel 1990.

antropologia.

José Manoel Sobral lembra que Jacques Le Goff reconhece essa aproximação e inclusive, associando-a ao triunfo das mentalidades:

Os annales triunfam e, mas especificamente, a história das mentalidades, impõe-se porque, interiorizando as reflexões das ciências sociais, transporta para o primeiro plano, realidades humanas que ou não eram tratadas, ou o eram de um modo insuficiente, quer pela historiografia tradicional – Centrada no episódio (*événement*), no tempo cronológico, no político e na ação dos grandes personagens – quer por aquilo que designa como economicismo redutor e/ou marxismo vulgar.²⁸

Norbert Elias possui suas produções caracterizadas em uma vertente histórica cultural. Em *Sociedade de Corte*²⁹, ao discutir a sociedade de corte europeia, realiza também uma aproximação entre a história e a sociologia e deixa claro que a história é repensada sob provocação de outras ciências humanas, como por exemplo, a sociologia, psicologia e antropologia. Ele critica duramente os historiadores, pois, em sua visão, estão mais preocupados com os eventos de curta duração e com os indivíduos, do que com as configurações sociais e os detalhes das relações interpessoais, que podem nos dar explicações confiáveis acerca da figuração de uma sociedade, tendo em vista que “Muitas vezes a renúncia realizada pelos historiadores a uma investigação mais sistemática das posições sociais, acabam por resultar na restrição das possibilidades de construção da narrativa”³⁰

Para Elias, os historiadores precisam considerar que toda pessoa, mesmo os indivíduos de maior evidência em uma sociedade, está inserida em um contexto de interdependência, que forma uma rede. A defesa de Elias é justamente que a narrativa histórica seja construída a partir da observação desses indivíduos inseridos, nessa rede que pode nos dar a dimensão da complexidade da sociedade.

Mudanças muito importantes são lembradas, em especial, o fato de a história ter deixado de se vestir com a máscara da verdade para assumir a relatividade da multiplicidade de filosofias individuais, o privilégio a recortes e deciframentos que nos

²⁸ SOBRAL, José Manuel. Mentalidade, ação, racionalidade uma leitura crítica da *história das mentalidades*. *Análise Social*, vol. XXIII (95), 1987-1.º, 37-57, p. 37

²⁹ ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

³⁰ ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.p. 30

permite estabelecer uma importante relação com as ideias de Carlo Ginsburg.³¹

A história para Certeau³² é uma instituição do saber na qual a pesquisa ocorre na perspectiva da dialética entre a natureza e a cultura, onde há transformação. O método é apresentado como barreira de proteção dos historiadores separando o “fazer história” da generalização e vulgaridade de aventureiros.

A história cultural é uma vertente historiográfica que nas últimas décadas merece destaque, também pelo sucesso editorial que representa. Está representada por vários dos mais referenciados historiadores das últimas décadas dentre os quais: Jules Michelet, Jacob Burckhardt, Wilhelm Dilthey, Walter Benjamin, Paul Ricoeur, Roland Barthes, Michel Foucault, Paul Veyne, Michel de Certeau e Hayden White, Roger Chartier e muitos outros:

[...] pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo.³³

As principais propostas da história cultural dão ênfase à dimensão cultural no processo de construção da narrativa, a abordagem dos objetos relacionados à experiência humana, em detrimento da análise de base estrutural enfatizada pelo marxismo, aponta que “a história cultural estabeleceu um diálogo com a antropologia simbólica o que pode auxiliar o historiador a redirecionar seu empenho de resolver esses problemas e colocá-lo no caminho em busca de modelos de significados”³⁴.

Uma das mais importantes referências para a compreensão propositiva da história cultural é Peter Burke, *O que é História Cultural*³⁵. Livro publicado inicialmente em Inglês, o historiador analisa as razões e o contexto de surgimento da história cultural, seus problemas, seus métodos e sua relação com as demais ciências sociais. Burke apresenta também, alguns dos dilemas da história cultural, inclusive as incertezas da

³¹ GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Coleção memória e sociedade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, S.A. 1991.

³² CERTEAU, Michel. *Operação Historiográfica*, In: *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2002.

³³ CERTEAU, Michel. *Operação Historiográfica*, In: *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2002. p. 42

³⁴ DARNTON, Roberto. *O Beijo de Lamourette*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras. 1990. p. 195

³⁵ BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

definição referente à própria cultura.

Roger Chartier, na obra *A história Cultural: entre práticas e representações*, defende que “o principal objetivo da História Cultural é a identificação do modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler”³⁶. O historiador destaca três conceitos-chaves que norteia a obra: representação, prática, apropriação, e assim problematiza que as práticas culturais constroem o mundo como representação.³⁷

Em seus escritos sobre Foucault, Paul Marie Veyne em “*Foucault Revolucionaria a História*”³⁸, lembra que para Foucault, o fundamental na construção da narrativa histórica não é a preocupação com as estruturas ou com os discursos, mais sim com a raridade, com as mudanças, em especial, as rupturas que muitas vezes passam despercebidas.

A intuição inicial de Foucault não é a estrutura, nem o corte, nem o discurso: é a raridade, no sentido latino dessa palavra; os fatos humanos são raros, não estão instalados na plenitude da razão, há um vazio em torno deles para outros fatos que nosso saber nem imagina.³⁹

Os fatos relevantes, portanto, seriam tão óbvios que passariam despercebidos para os historiadores. Para Veyne a revolução realizada na história por Foucault, consiste principalmente no encontro de um método, o que caracterizaria a história como ciência. Por esta razão para Veyne, Foucault é uma espécie de “historiador acabado, o remate da história”. Mas, afinal, em que consiste esse método, segundo Foucault?

O método consiste, então segundo Foucault, em compreender que as coisas não passam das abjetivações de práticas determinadas, cujas determinações devem ser expostas à luz, já que a consciência não as concebe. Esse esclarecimento, ao termo de um esforço de visão, é uma experiência original e até atraente, que podemos em tom de brincadeira, chamar de densificação.⁴⁰

Segundo Veyne, tudo que Foucault diz aos historiadores é que existem mais coisas a serem explicadas do que eles pensam.

³⁶ CHARTIER, Roger. *A História Cultural – entre práticas e representações*. Lisboa: Difel 1990. p. 80

³⁷ CHARTIER, Roger. *A História Cultural – entre práticas e representações*. Lisboa: Difel 1990.

³⁸ VEYNE, Paul Marie. *Foucault Revolucionaria a História*, In: *Como se Escreve a História*. Rio de Janeiro: Edições 70, 2008.

³⁹ VEYNE, Paul Marie. *Foucault Revolucionaria a História*, In: *Como se Escreve a História*. Rio de Janeiro: Edições 70, 2008. p. 162

⁴⁰ VEYNE, Paul Marie. *Foucault Revolucionaria a História*, In: *Como se Escreve a História*. Rio de Janeiro: Edições 70, 2008. p.162.

Vocês podem continuar a explicar a história como sempre fizeram: somente, atenção: se observarmos com exatidão, despojando os esboços, verificarão que existe mais coisas que devem ser explicadas do que vocês pensavam; existem contornos bizarros que não eram percebidos.⁴¹

O convite de Foucault consiste na observação com exatidão dos fatos, em especial, o discurso, pois estes apresentam preconceitos, reticências, saliências e desdobramentos inesperados, dos quais muitas vezes os historiadores não estão conscientes.

As ideias discutidas por Veyne sobre Foucault tomam como principal exemplo, o livro de Georges Ville, sobre a gladiatura romana, uma análise que segundo ele ilustra bem a “ideia de que a raridade esconde-se para além da simples e aparente visão do óbvio, além da amplitude da razão”⁴² (2008, p. 152). É tarefa dos historiadores buscar o que ele chama de “parte escondida do iceberg”⁴³.

[...] entretanto, é preciso buscá-la na parte imersa do “iceberg político” pois foi lá que algo mudou, que tornou inimaginável a gladiatura em Bizâncio ou na Idade Média [...] foi esse o método seguido por George Ville; ele ilustra muito bem o pensamento de Foucault e mostra sua fecundidade.⁴⁴

No entendimento de Veyne, Ville foi além da simples razão a qual a maioria dos historiadores se rendem com facilidade, para explicar o fim da gladiatura em Roma, atribuído segundo ele com facilidade, e de forma superficial ao cristianismo. Em uma análise mais profunda, relaciona o evento às conjecturas política que exigiam a releitura dos princípios e ações dos governantes no momento, uma postura de mudança de perfil do governante.

Segundo o autor é nossa prática que deve determinar o objeto e não os objetos determinarem nossa conduta. Para Veyne, Foucault se esforça para enxergar a prática tal qual ela se apresenta realmente, tenta descrever as coisas de forma exata, com seus contornos e partes submersas, sem a utilização de termos vagos. A exploração de uma

⁴¹ VEYNE, Paul Marie. *Foucault Revoluciona a História*, In: *Como se Escreve a História*. Rio de Janeiro: Edições 70, 2008. p.160.

⁴² VEYNE, Paul Marie. *Foucault Revoluciona a História*, In: *Como se Escreve a História*. Rio de Janeiro: Edições 70, 2008. p.152.

⁴³ VEYNE, Paul Marie. *Foucault Revoluciona a História*, In: *Como se Escreve a História*. Rio de Janeiro: Edições 70, 2008. p.154.

⁴⁴ VEYNE, Paul Marie. *Foucault Revoluciona a História*, In: *Como se Escreve a História*. Rio de Janeiro: Edições 70, 2008. p.154.

espécie de inconsciente da história.

A crítica de Foucault atinge também o marxismo, pois segundo ele, explicar as práticas a partir de uma ideologia representa mascarar certos contornos da realidade que não são percebidos, haja vista que “A noção de ideologia não é senão uma confusão gerada por duas operações bem inúteis: um corte e uma banalização. Em nome do materialismo, separa-se a prática da consciência”⁴⁵.

Trata-se na visão de Paul Veyne de uma crítica à maneira essencialista e materialista de pensar a história. Mas a inovação e importância das ideias de Foucault estão em afastar as banalidades, os objetos naturais aparentemente racionais e buscar na raridade a originalidade do irracional, aquilo que está além da simples percepção racional dos historiadores.

Outra importante questão historiográfica dos últimos tempos é a discussão acerca dos “jogos de escalas” mais precisamente, o movimento entre as análises macro e o micro. O micro tem sido apresentado por muitos historiadores com a “tábua de salvação” para as incertezas produzidas pela historiografia nas últimas décadas.

Para o italiano Giovanni Levi, a história é uma contínua reconstrução da realidade, mas ele acredita que esta é uma tarefa infinita, a história sempre será mais rica do que podemos imaginar. Definindo a história como “ciência da busca infinita”.

Todos os anos são publicados 150 livros sobre Carlos V. Não porque 149 são falsos e um só verdadeiro, mas porque cada um deles oferece sua interpretação, uma aproximação do infinito, de Carlos V e... de Deus.⁴⁶

O trecho acima extraído da entrevista de Giovanni Levi da Revista História (Fevereiro/2009), revela novamente, o quanto a subjetividade tornou-se uma característica fundamental da história, implica no repensar das fontes e dos métodos.

Dentre essas tentativas de redefinir o fazer história, encontramos nas últimas décadas, alguns dos mais importantes e influentes historiadores, em especial italianos, dedicados à micro-história. A micro-história se tornou, desde então, uma das referências desta nova produção historiográfica, em especial, pela forma diferenciada em termos de

⁴⁵ VEYNE, Paul Marie. *Foucault Revoluciona a História, In: Como se Escreve a História*. Rio de Janeiro: Edições 70, 2008. p.167.

⁴⁶ Revista História da Biblioteca Nacional. *Entrevista com Giovanni Levi*. ano 04, nº 41 – Fevereiro de 2009. p. 52.

escala da observação dos fatos.

O italiano Geiovani Levi, pode ser considerado uma dessas referências da micro-história, defende que esta é uma forma de “entender a sociedade para além dos esquemismos”⁴⁷. Explica, ainda, que a micro-história parte de um dado episódio, um lugar, um documento no qual aplicamos a redução de escala. Segundo o autor “é uma prática que implica no rompimento de hábitos generalizantes. Não buscamos a generalização das respostas, e sim das perguntas.”⁴⁸.

Jacques Revel, em *Jogos de Escalas* (1998), ao discutir a micro-história e a construção social, também lembra as mudanças historiográficas dos últimos tempos ao afirmar que não houve nos últimos tempos uma preocupação da historiografia com a forma de pesquisa, “*era mais ou menos como preencher um formulário*”.

A mudança na forma de exposição dos conteúdos, teve grande influência dos micro-historiadores, pois segundo ele, a construção narrativa esta associada a forma de experimentação dos procedimentos e aponta a exemplo de Levi, um redimensionamento na escala do macro para o micro, o que permitiu que os historiadores passassem a reconhecer seu papel dentro da realidade do objeto e do método de estudo.

Na discussão referente à micro-história, Carlo Ginzburg talvez tenha se tornado a maior referência. Em *A micro-história*, o historiador discute novas tendências de investigação e apresenta diagnóstico. Fator importante no texto é a associação do prestígio alcançado pela micro-história em virtude dos questionamentos acerca dos procedimentos históricos.

Não é arriscado supor que a voga crescente das reconstituições micro-históricas esteja ligada às dúvidas crescentes sobre determinados processos macro-históricos. Precisamente porque não se está muito seguro de que o jogo compensa é-se levado a reanalisar as regras do jogo.”⁴⁹.

Uma das questões relevantes apresentadas por Ginzburg é a discussão referente às trocas historiográficas entre Itália e França, apesar de o desequilíbrio nas trocas, ele revela que uma das grandes contribuições da Itália para a historiografia é a abundância

⁴⁷ Revista História da Biblioteca Nacional. *Entrevista com Giovanni Levi*. ano 04, nº 41 – Fevereiro de 2009. p. 53

⁴⁸ Revista História da Biblioteca Nacional. *Entrevista com Giovanni Levi*. ano 04, nº 41 – Fevereiro de 2009. p. 54.

⁴⁹ GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Coleção memória e sociedade. Rio de Janeiro: Bertland Brasil, S.A. 1991. p.172

de documentação, sem a qual o ofício do historiador torna-se inviável.

Um importante diagnóstico realizado por Ginsburg é com relação à história quantitativa, pois esta, segundo o autor, sobrevive em tempos de repensar o fazer história. O mesmo se aplica a história serial. As críticas feitas à história quantitativa estão em primeira instância na exigência de grandes estruturas e a demanda de muito tempo, apesar de nos últimos tempos a tecnologia ter papel fundamental na aceleração do processo.

A micro-história possui como objetos de análise, principalmente, os temas relacionados a questões particularizadas. Outra constatação importante realizado por Ginzburg é a aproximação da relação entre história e antropologia, que em seus desdobramentos apresentam a contestação da ideia de história universal. Mas Ginzburg lembra que esta é uma relação desequilibrada e com alguns obstáculos.

Aos historiadores ofereceu a antropologia não só uma série de temas largamente descurados no passado – desde as relações de parentesco até à cultura material, desde os rituais simbólicos até a magia – mas qualquer coisa de muito mais importante: um quadro conceitual, do qual se começam a entrever os contornos.⁵⁰

Dentre os obstáculos apresentados por Ginzburg, encontra-se a diversidade de documentação utilizada pelas duas disciplinas, uma amplitude muito grande de fontes, que acabam por promover a fragmentação dessas, mas que, ao mesmo tempo abdicá-las pode representar a mutilação da complexidade das relações que ligam um indivíduo a uma sociedade.⁵¹

Mas, o grande problema da história quantitativa é o fato de que em longos períodos os fatos podem ser distorcidos. Corremos o risco de homogeneizar a história, pois ao trabalhar com médias aritméticas corre-se o risco de mascarar a realidade do cotidiano (1991). Neste sentido e diante de mudanças no contexto político, em especial, relacionadas aos processos macro-históricos, apresenta aos historiadores, a possibilidade de repensar outros temas e outros tipos de investigações voltados para uma nova escola de análise, a micro-história.

Uma das propostas apresentadas é a utilização do nome, como ponto de partida

⁵⁰ GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Coleção memória e sociedade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, S.A. 1991. 53

⁵¹ GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Coleção memória e sociedade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, S.A. 1991.

para a investigação histórica. Apesar de a proposta não ser nova apresenta diversas possibilidades, segundo o autor. Pode ser este o fio guia da investigação, formar uma rede que vai ligando os indivíduos a diversos fatos, relacionando-o aos mais diversos aspectos da vida, família, divisão da produção e organização social. Esse tipo de pesquisa deve levar em consideração, no processo de seleção, os casos estatisticamente normais.

Essa proposta de inversão de escala do macro para o micro, segundo Ginzburg apresenta algumas relevâncias fundamentais, em especial permite repensar o vivido e ao mesmo tempo, possibilita vislumbrar instituições invisíveis ou (escura) dentro da estrutura na qual o indivíduo está inserido. Por estas razões, Ginzburg define a micro-história como ciências do vivido.

Diante da breve discussão referente aos caminhos e perspectiva da história, podemos perceber que nas últimas décadas, a história tem buscado com muitas incertezas, um caminho que passa principalmente pela busca de um método, fontes e uma abordagem temporal, que mais se aproxime do ideal de reconstrução da história de cada historiador. De tudo fica a ideia, de que talvez, esta seja uma tarefa “infinita”.